



## Podem as organizações culturais fazer política? Devem? 17 de Abril de 2018

### **ÉVORA, Direcção Regional de Cultura (Rua de Burgos)**

Com: **António Guerreiro**, Ensaísta e crítico literário; **José Alberto Ferreira**, Centro de Arte e Cultura da Fundação Eugénio de Almeida; **Luís Garcia**, programador cultural, Câmara Municipal de Évora; **Marcial Rodrigues**, Grupo Pro-Évora; **Ana Cristina Pais**, Direcção Regional de Cultura do Alentejo (moderadora)

### **FUNCHAL, Sede do Dançando com a Diferença (Rua dos Barcelos nº 09 – Santo António)**

Com: **Ester Vieira**, ATEF, Companhia de Teatro e Oficina Versus Teatro; **Maurício Reis**, Porta 33; **Paulo Esteireiro**, Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical; **Filipe Gonçalves**, Jornalista (moderador)

### **LISBOA, Fundação José Saramago**

Com: **António Pinto Ribeiro**, investigador, programador cultural; **Emília Ferreira**, Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado; **João Alpuim Botelho**, Museu Bordalo Pinheiro; **Mark Deputter**, Culturgest; **Maria Vlachou**, Gestão e Comunicação Cultural (moderadora)

**Tradução em Língua Gestual Portuguesa: Cidália de Jesus** (uma colaboração com a Escola Superior de Educação de Setúbal)

### **PORTO, Teatro Carlos Alberto**

Com: **Abel Coentrão**, Bind' Ó Peixe – Associação Cultural; **Ana Luísa Castelo**, PELE – espaço de contacto social e cultural; **Luiz Humberto Marcos**, Museu Nacional da Imprensa; **Denise Pollini** (Museu de Serralves, moderadora)

**Tradução em Língua Gestual Portuguesa: Cláudia Braga** (numa parceria com a Associação Laredo)

### **S.BRÁS DE ALPORTEL, Museu do Trajo**

Com: **Elisabete Rodrigues**, Jornalista; **Gil Silva**, Teatro das Figuras; Paulo Penisga, Professor; **Rui Parreira**, Direcção Regional de Cultura do Algarve; **Emanuel Sancho**, Museu do Trajo de São Brás de Alportel (moderador)

### **VN Famalicão, Galeria Municipal Ala da Frente**

Com: **Bruno Martins**, Teatro da Didascália; **Carlos Martins**, Director Executivo da Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura; **Emília Araújo**, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho; Raquel Barbosa, Câmara Municipal de Famalicão (moderadora)

## RESUMO

### Questões prévias

- Como distinguir o seu político e ser partidário?
- A neutralidade existe?
- Qual a relação com as tutelas quando se quer assumir posicionamentos políticos?
- Haverá censura? E auto-censura?
- Como evitar as intervenções oportunistas?
- Devem as instituições reagir a todos os temas da contemporaneidade ou apenas aos que lhe dizem respeito? (p.e., em Portugal poucas foram as instituições culturais que se manifestaram solidárias para com as vítimas dos incêndios do ano passado)
- Corremos o risco de afastar uma parte do nosso público?

### Discussão

#### As instituições culturais podem fazer política?

- Não é positiva a ausência de debate político e espírito crítico da parte das populações face ao que é exposto/programado.
- Sente-se uma necessidade de mudança de mentalidades. Criar debate político não serve para mudar opiniões, mas sim para fomentar o espírito crítico e ajudar as pessoas a pensar sobre os assuntos.
- Quando uma instituição faz política, ela está a intervir politicamente na cidade. É através de organizações culturais que se faz propaganda política.
- Existe aproveitamento político de certas instituições sempre que os políticos necessitam de visibilidade.
- Todas as instituições são políticas. É inevitável sermos políticos no nosso trabalho, muito mais quando trabalhamos com a imaginação, a criação, a individualidade e o coletivo.
- Política é tudo. Somos por natureza criaturas preconceituosas, de hábitos, cheias de incertezas e os museus reflectem isso.
- Os curadores devem assinar as suas criações na medida em que isso os responsabiliza pela sua visão das coisas; mesmo que manifeste as suas opções políticas, a assinatura também é uma forma da organização salvaguardar a sua posição perante o assunto
- Há que distinguir política de partido e de ideologia.

- “Ser político” representa actualmente uma pequena parte que busca na criação artística transmitir o poder transformador da arte ao público. “Ser partidário” é uma busca por assumir posicionamentos partidários e cores políticas em troca de algo. O medo é a principal causa das cedências ao poder político e partidário.
- O dever ou não dever fazer política, é uma questão de liberdade individual e de iniciativa, cabendo à consciência de cada órgão e instituição.

### **E os artistas, fazem política?**

- Vivemos no tempo de uma geração de artistas que sente cada vez mais a necessidade de ser interventivo e cabe à organização tomar ou não partido da visão dos artistas.
- Não se pode acreditar que alguém que faça arte não tenha qualquer intenção política. Quando procuramos criar e transmitir uma ideia estamos a ser políticos de alguma forma.
- A política de encomendas leva à repressão do tecido artístico que pouco a pouco deixa de ser livre, que pelo medo de subsistir deixa-se manipular.

### **Quem fala? Quem decide?**

- Mesmo neste debate, é possível distinguir na assistência algumas tendências: maioritariamente pelas brancas e quase tudo mulheres
  - Até que ponto o género interfere com que o que é exposto?
  - Proporcionar a acessibilidade de linguagens e meios para uma boa compreensão da parte de todos.
  - Há que compreender que certos temas requerem parceiros com conhecimento de causa (ex. Ciclo “Gender trouble” no Teatro Maria Matos)
  - Representatividade a todos os níveis.
  - Apelar à participação das populações nas decisões das organizações requer um grande poder de diálogo (ex. Museu de Brooklyn, sob o escrutínio do movimento Decolonise theis Place.)
- 
- Em que ponto ficamos em relação ao mecenato e o patrocínio?



-

As instituições têm a capacidade de fazer a ligação entre arte e justiça (ex OSSO)